



APRESENTAÇÃO

KELLEN DIAS
LUDMYLLA MENDES LIMA
TARSILLA COUTO DE BRITO

Kellen Dias

Doutorado em Literatura Comparada, pela UERJ.
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Membro permanente do corpo de professores do PPGECC – Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Culturas em Periferias, da UERJ; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Palavra Impenetrável (@palavra_impenetravel); Membro do Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ (NELIJ-UERJ); Membro do Grupo de Estudos sobre Interculturalidade, Educação e Linguagens, atuando na linha “Leitura, literatura e subjetividades”; Membro do Grupo de Pesquisa CNPq EnLIJ – Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9589181462793374>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1550-7563>.

E-mail: kellendiasb@yahoo.com.br.

Ludmylla Mendes Lima

Doutorado em Letras, em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela USP.

Realizou estágio pós-doutoral na University of Cape Town, África do Sul.

Professora Associada da UNILAB – Campus dos Malês.

Participa dos grupos de pesquisa Crítica e Tradução do Exílio e Afroletrias. É colaboradora do AnDanças – programa de pesquisa e extensão em artes, filosofia e cultura.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9089693589248392>.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3329-4677>.
E-mail: ludmyllalima@unilab.edu.br.

Tarsilla Couto de Brito

Professora Doutora em Teoria e História Literária, pela Universidade Estadual de Campinas.

Pós-doutoramento em Literatura Comparada realizado na Universidad de San Andrés.

Professora Adjunta do Magistério Superior na Universidade Federal de Goiás.

Vice-coordenadora do Centro de Formação Maria Firmina dos Reis (FL/UFG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2701726448999657>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1387-6880>.

E-mail: tarsillacouto@ufg.br.

Pedimos licença. Licença às divinas forças. Licença aos ancestrais, para adentrar nesse plano. Um plano de ideias, de corpo, circularidades, de confluências de saberes há muito embrenhados nos pés de Exu, no cachimbo de Vó Rita do Congo, no assobio de Seu Cobra-coral, nas mirongas de 7 Saias. Licença! Licença, Padre Inti, Mama Kila! Dai-nos permissão, Urihi, para pisarmos nessa terra-floresta onde dançamos e dançam conosco tudo que está vivo.

Cruzamos planos, abrimos portais, abençoamos palavras, visitamos os textos que compõem esse dossiê. Produção acadêmica urgente, que traz essa palavra sabida das universidades para prosear com verdades fundantes, sonhos de vidas que transcendem a materialidade. A prosa costumeira com os mundos de corpos sem corpos dos livros passam a alongar o proseado para os mundos encruzados nesse universo euro-centrado que se configurou.

Havemos de adiar o fim do mundo com essa força!

Assim, Sumé sorve as fronteiras entre centro e periferia, em “Devorar esse Vestir de Constelação: as trilhas de Sumé e a tessitura espiritual entre floresta e periferia” fazendo-nos onça também. Diversas poéticas que atravessam a vida são vividas em corpo e carne de encantaria em “Salve a todos os povos da Amazônia”, assim como pontos serão entoados, com as bocas que criam realidades, bocas que também a tudo devoram e fazem poesia, louvando Exu e Abdias Nascimento em “Ofereço-te Exu/o Ebó das Minhas Palavras”: a entidade em um poema de Abdias do Nascimento.

Com humildade, nos sentamos aos pés das grandes mulheres, trançando nossos cabelos aos fios dos provérbios das línguas bantu Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana, de Moçambique, sabedorias bem trazidas em “Metáforas que Enlaçam Sabedoria sobre a Mulher em Culturas Bantu Moçambicanas”.

É que se vive muito... nessa vida tanta, cabe a escrita de mulheres. Mulher, esse ser-raiz do humano e tão soterrada pelas terras da ignorância. Mal sabem eles, que a terra é alimento e potência e que insubmissas somos elas... e, assim, escrevemos as escrevivências que gritam um eu que pensa, deseja e sonha. Tomamos esse fôlego para nos agitarmos e acalentarmo-nos em “Andar na Companhia de Mulheres Negras: a escrita na partilha de saberes em vidas a se tecerem”. Damos as mãos à poetisa argentina Alfonsina Storni, à guatemalteca Ana María Rodas e à mexicana Rosamaría Roffiel explorando toda a violência que marca o corpo, a experiência, o sentir daquelas atravessadas pelo feminino, no combativo “As Faces da Violência de Gênero em Poemas das Escritoras Latino-Americanas Alfonsina Storni, Ana María Rodas e Rosamaría Roffiel”, com as mãos entrelaçadas em irmandade, dançamos como fogo que impulsiona a bala que corta o ar, que abre fendas e funda guerras.

O fogo sinuoso, sedutor, vai aquecendo as carnes, dando combustível a uma vida-arte nas “AnDanças” de pés desnudos em “Poéticas Telúricas – danças e filosofias latino-americanas”. Também podemos vibrar com performances de ancestrais, de lutas e seres que ultrapassam as limitações humanas no cortejo dançante do reisado que traz em corpo, de novo, atualizados e revividos o Jaraguá, o Lobisomem, o Guriabá, a Doida... esse brincar fazendo arte é celebrado e matutado em “O Entremeio “A Doida”, Do Reisado Caririense: da configuração pré-estética à forma artística”.

Brincar que alimenta criança, a de pouca e a de muita idade, se faz doído nas angústias da escravidão narrada a jovens por um menino que perde a sua liberdade e por um homem negro, afastado no tempo, mas tão próximo da crueldade do racismo. Com isso muita reflexão a partir da arte em “A Noite dos Cristais, de Luís Fulano de Tal: discursos afro-brasileiros na literatura juvenil”. Triste história que se faz luta e resistência de *cimarrones*, do terreiro-quilombo da Nação Xambá, “Herança Africana Viva: vestígios de *cimarronaje* na trajetória do terreiro-quilombo da Nação Xambá (Olinda-Pernambuco)”.

Nossos pés que tocam a terra e a mata, também abrem estradas na cidade, fazendo a floresta de pedra ser floresta em seus charmes e perigos, no fervilhar cultural que traz o terreiro a um dos maiores espetáculos da Terra, como o carnaval, uma festa-manifesto, em “Aproximações Entre a Pedagogia das Encruzilhadas e o Enredo “Capítulo 4, Versículo 3, da Rua e do Povo, o Hip-Hop: Um Manifesto Paulistano” da Escola de Samba Vai-Vai”. E adentramos as histórias de um outro estrangeiro de dentro, espelho e oposição, na violência cortante em “Doramar ou a Odisseia”: a cidade narrada às margens.

Atravessamos o tempo, no tudo que Ele divinamente carregava, com as mais doces e sábias palavras de Mãe Biu, nascida nas águas, abraçando filhos de santo, filhos de carne, tantos filhos nessa linha infinita que liga as raízes ancestrais, na entrevista “Experimentações do Tempo pelo Olhar de Mãe Biu”.

Fechamos, no sempre-sempre continuando, a jornada com a palavra que cria e nos possibilita ser nos entremeios de línguas que trazem a outridade ao mesmo, em um jogo incessante do entrelugar em “Eu Sempre Traduzo Em Uma Outra Língua, Não Sou Anfitriã De Nenhuma: a versão e a ética”.

Esperamos imensamente que, como nós, apreciem essa jornada de encruzilhadas de mata, terreiro, cidade.